

## O MESTIÇO COMO RETÓRICA: IDENTIDADE BRASILEIRA E RACISMO NA OBRA DE LILIA SCHWARCZ

Luana Fernanda Zanini (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Hilton Costa (Orientador), e-mail: ra117108@uem.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas Letras e Artes/Maringá, PR.

### Outras Sociologias Específicas 7.02.07.00-3

**Palavras-chave:** Pensamento Social; Relações Raciais; Lilia Schwarcz

#### Resumo:

A presente pesquisa busca analisar e compreender as questões do preconceito racial e identidade brasileira, de acordo com as obras de Lilia Schwarcz. A mestiçagem que, ora é exaltada, ora é vista como algo negativo, e o preconceito racial que combina exclusão com inclusão. Para isso, a investigação se pauta em dois textos da autora: *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira* (2012) e *Complexo de Zé Carioca: sobre uma certa ordem da mestiçagem e da malandragem* (1994). Ademais, conta com as considerações de Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil* (2014) no que diz respeito ao “homem cordial” e a complexa fronteira entre o público e o privado na sociedade brasileira.

#### Introdução

De acordo com Florestan Fernandes, é comum dizer que o Brasil é um “cadinho” de raças e de culturas (FERNANDES, 2007, p. 198). Todavia, essa mistura não faz com que o país seja uma democracia racial. Pelo contrário, as investigações de autores que estudaram a questão racial do Brasil nos mostram um racismo dissimulado. Além disso, no que tange à mestiçagem brasileira, vemos um país que ora a exalta como parte da identidade nacional, ora a despreza a culpando de todos os males e regressos. Com isso em mente, Lilia Schwarcz (1994, p.4) relata que “de um lado, a miscigenação representava a detração, mas, de outro, não deixava de nos singularizar e nos transformar em alvo dileto da curiosidade alheia.” No que diz respeito ao racismo dissimulado, de acordo com a autora, em 1988, foi realizada uma pesquisa em São Paulo com resultados reveladores: 97% dos entrevistados afirmaram não ter preconceito racial e 98% desses mesmos entrevistados disseram conhecer alguém preconceituoso. Nessa perspectiva, Lilia Schwarcz (2012) indica que todo brasileiro parece sentir como se estivesse em uma ilha da democracia racial, cercado de racistas por todos os lados. Dessa forma, o racismo assume uma forma íntima, camuflada e apropriada à privacidade do lar - o que faz com que a tolerância racial não passe de um decoro, de uma cordialidade. Sérgio Buarque de

Holanda em *Raízes do Brasil* (2014) apresenta o “homem cordial”. Esse “jeitinho brasileiro” de ser – dos laços sociais extremamente pessoais, do decoro e da hospitalidade, da “polidez”, da confusão do público com o privado, do afrouxamento da burocracia e de leis, faz conexão direta com a questão racial e nos explica como essa personalidade brasileira pratica o racismo e ao mesmo tempo o coloca “atrás das cortinas”. Tais problemáticas são trabalhadas e discutidas nos seguintes textos da autora: *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira* (2012) e *Complexo de Zé Carioca: sobre uma certa ordem da mestiçagem e da malandragem* (1994).

## **Materiais e métodos**

A presente pesquisa se pautará nas considerações de Sérgio Buarque de Holanda, no que diz respeito ao “homem cordial”, a fim de entender como o brasileiro assume o racismo e discrimina ao mesmo tempo em que afirma não discriminar, contando também com as ponderações de Pierre Bourdieu sobre o poder simbólico. Ademais, engloba as análises de Lilia Schwarcz em *Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira* (2012) e *Complexo de Zé Carioca: sobre uma certa ordem da mestiçagem e da malandragem* (1994).

## **Resultados e Discussão**

De acordo com Florestan Fernandes, a abolição da escravidão, na prática, nada aboliu. Além da abolição ter sido “uma revolução social feita pelo branco e para o branco”, com ela, o negro encontrou-se escravizado pela segunda vez. Foi jogado em um tipo de sistema de trabalho onde não havia competição possível, não recebeu nenhum tipo de indenização, garantia social ou auxílio – e com isso, encontrou-se numa disputa desigual com a raça dominante. Assim, instalou-se aqui uma hierarquia de raças, uma certa supremacia branca onde o negro não teria espaço. Por conseguinte, a ideia de que o negro era inferior já teria se alastrado e já fazia parte da mentalidade brasileira há muitos séculos, fazendo assim com que surgisse um tipo peculiar de racismo, aquele dissimulado, o tal “racismo à brasileira”, ou o famoso “preconceito de ter preconceito”. Nesse contexto, o homem cordial de Sérgio Buarque de Holanda entra em cena, demonstrando como a personalidade brasileira comporta-se diante das questões raciais: de forma fingida negando que o preconceito racial exista e negando que pratique, mesmo praticando. Além disso, a partir do século XIX, com o apoio de teorias científicas, a miscigenação presente no país foi fortemente condenada e os discursos racistas ganharam palco. Ou seja, “boa raça”, aqui no Brasil, sempre foi a branca. Na falta de uma verdadeira identidade brasileira, cinicamente, mais tarde, na era Vargas, o mestiço vira um tipo de “herói nacional” e símbolo da nossa cultura. Tudo o que antes era rejeitado, passa a ser glamourizado, e a imagem que se formava do brasileiro era

daquele “malandro e preguiçoso” retratado no personagem de Zé Carioca criado por Walt Disney. Com esse cenário, criou-se a imagem de que, no Brasil, as diferentes raças aqui encontradas viviam em completa harmonia, a “fábula das três raças: índios, brancos e negros”. Conseqüentemente, viramos um tipo de exemplo de democracia racial, e isso, evidentemente era uma “fachada”, pois o que de fato existia, era uma tolerância e uma cordialidade, mas jamais, uma democracia. Em face disso, Lilia Schwarcz aponta que cruzamento racial não quer dizer ausência de discriminação. Ademais, o texto do antropólogo Lévi-Strauss *Raça e História* (1952), apontava que deveríamos sim reconhecer as diferenças, mas sem hierarquizá-las ou qualificá-las. Lilia Schwarcz aponta o efeito e a importância de algumas políticas para recuperar e transmitir a história afro-brasileira, como por exemplo, a disciplina aprovada em 2004, instalada no governo Lula, que torna obrigatório em escolas de ensino fundamental e médio o ensino sobre História e Cultura Afro-brasileira. Ademais, a autora sugere que precisamos falar sim do racismo, mas também precisamos falar sobre quem criou o racismo. Dessa forma, Lilia Schwarcz argumenta que não há como falar do racismo sem falar da branquitude, afinal, foram os brancos que criaram o racismo. A branquitude, esse privilégio de nascer branco, nascer em uma posição infinitamente favorável à dos negros e poder gozar de todos os direitos sociais garantidos enquanto cidadão com a certeza de que não será discriminado pela sua cor. A autora ressalta que os brasileiros, de forma sistemática, optaram por “não enxergar” a questão racial brasileira e que sofremos de uma miopia, uma cegueira cultural. Com efeito, seguindo por caminhos, como aquele indicado, entre outros autores, por Florestan Fernandes, Lilia Schwarcz corrobora com seus estudos que não é porque se tem miscigenação e mestiçagem que não se tem racismo, contudo a retórica da mestiçagem compõe um mecanismo contundente para obliterar e acomodar o racismo presente na sociedade brasileira.

## Conclusões

Desse modo, ao longo da pesquisa, foi possível analisar e compreender a identidade brasileira e o racismo vigente no país. Há uma crença generalizada de que por sermos um país mestiço, somos democraticamente raciais. Entretanto, autores como Florestan Fernandes, ajudaram a corromper essa fábula e nos apresentaram um racismo perverso, ora combinando a exclusão, ora combinando a inclusão. Esse tipo de preconceito é fortemente ligado ao homem cordial de Sérgio Buarque de Holanda: aqui, a tolerância e a cordialidade são confundidas com igualdade racial. Além disso, é possível constatar o imenso efeito do preconceito – ser internalizado pela vítima.

## Agradecimentos

Agradeço a Fundação Araucária que financiou esta pesquisa com a concessão de uma bolsa de pesquisa essencial para a realização desta investigação.

## Referências

- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Linguísticas**. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- FERNANDES, Florestan. **O negro no mundo dos brancos**. 2ª ed. São Paulo: Global, 2007.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 27ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.
- POCOCK, John G. A. **Linguagens do Ideário Político**. São Paulo: Edusp, 2003.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira**. 1ª ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012.
- \_\_\_\_\_. **Complexo de Zé Carioca: notas sobre uma identidade mestiça e malandra**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Questão racial no Brasil**. In: Lilia Moritz Schwarcz; Leticia Vidor Reis. (Org.). **Negras Imagens**. São Paulo: Edusp, 1996, v.1, p. 153-178.
- \_\_\_\_\_. **Racismo no Brasil: quando inclusão combina com exclusão**. In: Lilia Katri Moritz Schwarcz; André Botelho. (Org). **Cidadania, um projeto em construção: minorias, justiça e direitos**. 1ªed. São Paulo: Claro Enigma, 2007, v.1, p. 94-107.
- \_\_\_\_\_. **Sérgio Buarque de Holanda e essa tal de "cordialidade"**. Ide (São Paulo), São Paulo, v. 31, n. 46, p. 83-89, jun. 2008. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-31062008000100015&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062008000100015&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 21 jul. 2021.
- SOUZA, Ricardo Luiz de. **As raízes e o futuro do "homem cordial" segundo Sérgio Buarque de Holanda**. Caderno CRH, Salvador, 2007, v. 20, p. 343-353. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=347632172011>>. Acesso em: 20 jul. 2021.